Correio das Artes

Ano I Número 42 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 15.1.1950

VINHETA DE TINET

BALANÇO DE FIM DE ANO

HILTON MARINHO

TRÔPEGO, alquebrado ao pêso de suas trezentas e sessenta e cinco angústias e desilusões, o ano «sem graças» de 1949 desapareceu nas brumas do passado, deixando como única realidade um elo a mais da interminа cadeia dos séculos.

Para aqueles cuja capacidade de acreditar supera o limite da Fé em suas sadias manifestações, se deixando arrastar ao terreno angustioso dos males sobrenaturaes, ou envolver nas artimanhas das superstições fetichistas, estes fim de ano foi recebido com um suspiro de alivio, pois marcou o fim da éra apocalípica dos quatro.

Para alguns outros, eternos descontentes das causas e descrentes dos homens, nada mudou na face da terra, excetuando a folhinha da mesa de cabeceira que passou a ser encimada pela figura risonha de uma jovem de maillot em substituição à cabeça elegante de um equino de pura raça.

Os bem humorados afirmam convictos que em 1950 o nosso mundo, que em 1949 já parecia, vai ser na realidade o melhor dos mundos. Se algum espírito de contradição, a quem de certo as crises hepáticas não permitem saborear uma boa dose de «Old Parr», objeta que ninguem pode mais dormir tranquilo na perspectiva de uma guerra atômica, êle, Dr. Pangloss ,entre um riso de escárneo e outro de sabedoria angélica, replica:

— «Ora, qual bomba atomica, qual nada. Você vai nesse conto de vigário? Lembre-se de Bikini, nem as cabras morreram com a tal bomba.»

E feliz, muito feliz, vai assobiando a marchinha do soro.

O Einstein não suportou a angústia de esperar mais uma semana pelo início do novo, nos fornecendo, com rótulo de ano velho, uma teoria que durante trinta anos lhe consumiu o fosfato do cerebro. Certamente a dor de cabeça dos que se aventurarem a compreendê-la vai durar trezentos anos, isto se a bomba atômica, descendente direta daquele cientista, permitir que o «homo sapiens» viva ainda tanto tempo.

A nossa «pequenina e heróica» teve no ano findo um movimento literário e artístico bem apreciável. O meu velho amigo Edson Regis, única vocação poética da turma de bacharéis de 1947, verdadeiro milagre da resistência, pois conseguiu sair poéta de uma turma de políticos massacrados, veio fazer ninho na «A União» e nos deu este «Correio das Artes» que é bem uma prova de sua capacidade e realização. Aliás, como um desmentido categórico aos que afirmam nascerem os poétas só para contar estrelas.

Não só os poétas apareceram no «Correio das Artes». Ensaistas, pintores, contistas, muitos deles, para desapontamento do meu prezado amigo Geraldo Pôrto, usando slack e mascando chiclets, fizeram seu «debut» no nosso supiemento dominical.

Alguns vieram da antiga página literária que o órgão oficial publicava aos domingos, me parecendo que tomaram um novo alento com o aspecto aristocratico e sério do «Correio».

Juarez Batista meteu-se nos arquivos, revolvendo o pó que a História teima em depositar nos documentos de valor, e nos deu aos pedaços um magnífico estudo ecológico da nossa cidade. Esperamos que continua o iniciado em 1949. Feliz Ano Novo para êle.

Cometeriamos um pecado, destes chamados mortais, se deixassemos de assinalar, com a devida simpatia, o esforço que alguns «mosqueteiros» desenvolveram durante o ano recém-findo em favor da bôa música, aqui na Província. Tivemos

(Conclue na página 10).

NOTURNO

MIGUEL TORGA

SE a noite vem, dorme o teu sono justo.
A noite é como a terra da semente.
Seja qual for o custo.
Compra o teu dia como toda a gente.

E de manhã desperta:
Brota da escuridão
A mesma flor aberta,
Mas com sonho na mão.

A não ser que, poeta e condenado,
Tenhas de noite que guardar a vida,
Então, vela, orvalhado,
Como a semente que não tem guarida.

NOTAS LITERARIAS

HAROLD SMITH

QUANDO a sra. Henriqueta Chamberlain partiu, no mês passado, para visitar o Brasil, disse que ia lá «matar saudades». A sra. Chamberlain, autora de «Where the Sabia Sings» (Onde Canta o Sabiá), passou sua infância no Recife, com seus pais, que eram missionários norte-americanos. Depois viveu em São Salvador, no Rio de Janeiro, e em São Paulo, e seu livro «Where the Sabia Sings», publicado em 1947, é um relato encantador de sua vida no Brasil. Em cada página ela revela o amôr que nutre pelo país e pelo seu povo. Talvez não haja outro livro escrito em inglês, que retrate de maneira tão íntima e colorida a vida brasileira. Durante sua atual visita ao Brasil, a sra. Chamberlain irá reunir material para mais dois livros, um sobre a vida de Tiradentes, e o outro, um estudo das tradições regionais brasileiras. Também está preparando uma série de artigos para revistas norte-americanas. Continua assim a sra. Chamberlain seu trabalho de «embaixatriz da bôa-vontade», trazendo o Brasil aos norte-americanos.

* * *

Outro autor que se especializou em trabalhos sôbre o Brasil, e que se encontra atualmente em visita áquele país, é o Professor Preston E. James, o eminente geógrafo. Desde a publicação, em 1942, de seu trabalho intitulado «Brasil», o Professor James tem sido considerado como o principal geógrafo estrangeiro que se especializa naquele país. A moderna ciência da geografia é muito vasta em seu escôpo, incluindo não só os aspectos naturais, como também os aspectos sociológicos e econômicos dos paises do mundo. Assim como o antropologista, o geógrafo também considera que muitas outras ciências são subdivisões de seu vasto campo de estudos. Com a possivel exceção de «The Conquest of Brazil» («A Conquista do Brasil»), por Roy Nash, o livro «Brasil», de Preston James é o estudo mais erudito sobre aquele país, até hoje escrito por um estrangeiro. E, uma vez que o Professor James está agora no Brasil, onde permanecerá um ano, a convite do Conselho Nacional de Geografia, é mais do que natural esperar que, sendo ele ainda jovem, tenhamos outros livros de sua autoria, sobre aquele país.

* * *

The Americas: The Search for Hemisphere Security» (As Américas: A Procura da Segurança do Hemisfério), por Laurence Duggan, publicado no mês passado, é um dos mais sérios e importantes estudos jamais escritos sobre as relações inter-americanas. Quando de sua morte, no ano passado, Laurence Duggan era Diretor do Instituto de Educação Internacional, e ocupava tambem um posto de destaque na Divisão Latino-Americana do Departamento de Estado. Deixou quasi terminado o manuscrito desse livro, ao qual dedicára anos de pesquisas e estudos, e que foi editado por sua esposa e dois de seus amigos. A primeira parte apresenta os «Antecedentes Sociais» das Américas, a segunda descreve os «Antecedentes Históricos», e a terceira trata dos problemas presentes e futuros da cooperação inter-americana. E' um livro de poucas páginas, apenas 242, mas apezar disso o autor prestou valiosa contribuição à melhor compreensão das relações inter-americanas do passado e do futuro.

* * *

Um livro que recentemente provocou muito interesse nos Estados Unidos, foi «Male and Female» (Macho e Fêmea), por Margaret Mead. A autora é uma antropologista que levou 14 anos (de 1925 a 1939) estudando sete povos das Ilhas dos Mares do Sul. Nesse livro ela emprega seu conhecimento das sete diferentes culturas desses povos para examinar as relações básicas que existem entre o homem e a mulher, em toda sociedade humana. Analisa a educação dada ás crianças pelos pais, e o efeito dessa educação no ajustamento da criança á sociedade. E' um livro de valôr, tanto para os antropologistas quanto para os psicólogos, uma vez que trata tanto dos costumes como das emoções. A autora compara civilizações primitivas e complexas, mostrando como os padrões de conduta foram estabelecidos por causa da diferença entre os sexos. Seu livro é um estudo brilhante dos aspectos fundamentais da sociedade moderna.

* * *

Ernest Hemingway, que é considerado por muitos como sendo o maior escritor norte-americano do século vinte, escreveu uma novela que será publicada em Março de 1950, pela editora Scribner. Não é o livro que Hemingway vem preparando desde a publicação de «For Whom the Bell Tolls» («Para Quem os Sinos Dobram»), e que o seu público tem esperado ansiosamente; é uma novela curta, que ele escreveu este ano, depois que se restabeleceu de grave enfermidade. A história se desenrola na Itália, e o estilo lembra «A Farewell to Arms» (Adeus às Armas) que Hemingway escreveu após a Primeira Guerra Mundial. Essa sua novela passa-se num curto espaço de tempo, trata de um caso de amôr entre um soldado norte-americano e uma jovem italiana, e é contada, em grande parte, em diálogos. Hemingway é de opinião que esse talvez seja o melhor livro que ele já escreveu; entretanto, continuará trabalhando na outra novela, a tal que seus admiradores esperam seja sua obra-prima. De qualquer maneira, Março de 1950 será um mês de destaque na história da literatura norte-americana, pois muito pouca gente deixará de se interessar por um novo livro de Hemingway.

«PRESENTE DE NATAL»

ESTÁ em circulação mais uma edição de «Presente de Natal», revista que se edita no Recife, sob a orientação de Luiz do Nascimento.

O presente número insere em suas páginas trabalhos firmados por grandes nomes das letras nacionais.

De bom aspecto material, traz ainda ilustrações de artistas de renome.

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor — *SILVIO PORTO*

CORREIO DAS ARTES

Orientação de *EDSON REGIS*

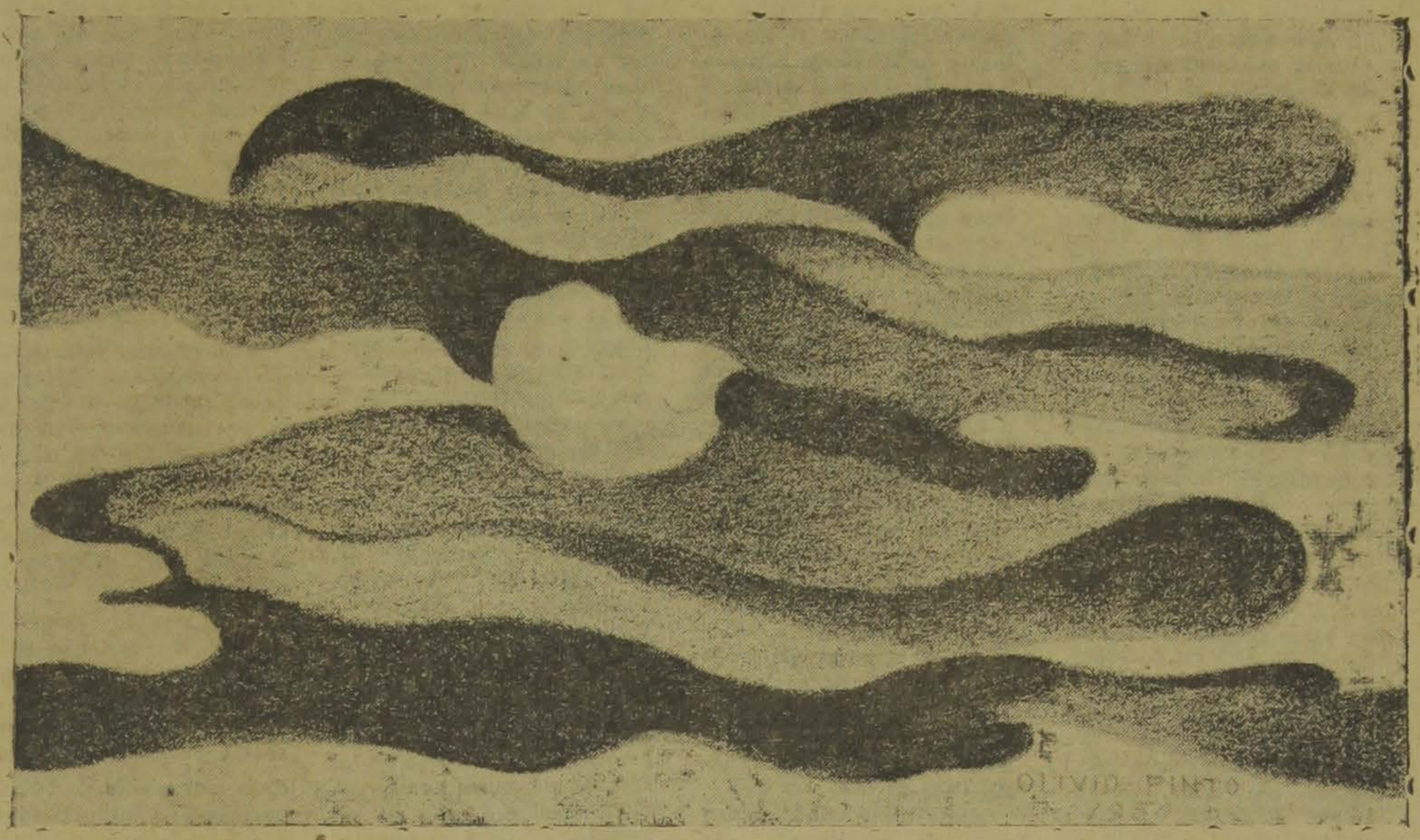
Secretário de Redação

EDUARDO MARTINS

Redatores:

Carlos Romero — Dulcidio Moreira
George Mattos — Juarez Batista

JOÃO PESSOA — PARAIBA



OLIVIO PINTO — LUA ENTRE NUVENS

Imaginação Poética

CYRO DOS ANJOS

I I

O POETA caracteriza-se, enfim — escreve Dilthey —, pelo fáto de as imagens e suas combinações nele se desdobrarem livremente, além das fronteiras do real. Cria situações, tipos e destinos que ultrapassam a realidade.

E' verdade que o sonho, o delírio e todos os estados que se afastam do normal estado de vigília também transformam a face das coisas. Os antigos viam na criação poética uma forma de demência: a êsse respeito, Demócrito, Platão, Aristóteles e Horácio se acham em pleno acôrdo. E os românticos sempre insistiram no parentesco entre o gênio e a loucura.

Por certo, em todos êsses estados nascem imagens que transbordam a experiência. E' característico do grande poéta que sua imaginação construtiva crie, com o auxílio de elementos tomados à realidade, ou apoiado nas analogias que esta lhe oferece, personagens ou ações que excedem a experiência e, portanto, melhor nô-la fazem compreender.

Assim, conclui Dilthey, o poéta é nisto aparentado com o indivíduo que sonha ou com o demente: vê as situações que cria, e seus personagens, bem como os átos destes, com a evidência sensível das visões de um alucinado. Trata, como se fossem verdadeiras figuras que só tem domicílio em sua imaginação: ama-as, sofre por elas. Ou transforma seu próprio eu no do herói de suas criações, pondo-se no lugar deste, falando por éste.

Mas, eis uma diferença importante: no demente, ou no indivíduo que sonha, as imagens saem dos limites do real em virtude de um enfraquecimento da atividade do conjunto psíquico No primeiro caso, isto se verifica em razão da debilidade mental ou de fatôres mórbidos, no segundo, porque, durante o sono, a circulação do sangue se modifica, o mesmo acontecendo com o trabalho cerebral.

Na criação poética, o ultrapassar da realidade provém de causas de natureza inteiramente oposta. Toda a energia de uma alma sã e forte se aplica em consegui-lo; uma rica e vasta experiência, que o pensamento ordenou e generalizou, é para êsse fim utilizada. A transformação das imagens se opera num espírito desperto e lúcido, em que atua todo o conjunto coerente adquirido, representando a realidade. E assim uma vontade consciente de seu fim modifica-as, sem se preocupar com os limites do real.

Diferenças notáveis existem, pois, entre a metamorfose que as imagens sofrem no curso do trabalho poético e a que experimentam nos estados que se afastam do normal. O conjunto formado pela realidade está presente no espírito do poéta, que lhe distingue as imagens e não confunde a realidade com o reino da bela aparência. Por mais que essas imagens possam aproximar-se da realidade, uma delgada fronteira sempre as separa dela. Enquanto cria, o artista permanece na esfera do sonho, onde suas imagens têm uma realidade que lhes é própria; todavia — insiste o filósofo — esta não lhes é dada pelo obscuro poder elementar das alucinações, mas pela liberdade da faculdade criadora em plena posse de si mesma.

E, por isso que atua fortemente sôbre a elaboração dessas imagens o conjunto psíquico pode conservar entre elas e a realidade, uma relação adequada ao fim da obra de arte; quando se rompe essa relação, as imagens deixam de comover O aspecto típico e ideal da criação poética está em que ela ultrapassa a experiencia, por meio da própria experiencia, e nela a experiência é suscetível de ser mais vivamente sentida e compreendida, do que nas

mais fiéis cvópias do real.

Na comparação entre os estados psíquicos do poéta, do demente e do indivíduo que sonha, Dilthey procura discernir as leis segundo as quais as imagens e suas combinações se deseuvolveta mais fiéis cópias do real.

A primeira destas leis é que as imagens se modificam pela perda ou pela exclusão de certos elementos. No sonho e nas perturbações mentais, as imagens perdem qualidades que na realidade são inseparaveis delas, porque dadas ou consolidadas, de algum modo, pelo conjunto coerente, constituido pela vida psiquica, e no qual se traduz aquilo que forma o real. E' assim que o sonho não respeita as condições de tempo, de espaço ou a lei da gravidade. O louco furioso associa elementos que sua imaginação afeiçoa, sem ter consciencia das contradições de suas qualidades. Ao contrário, o artista, o poéta elimina intencionalmente os traços que se opõem, e procura claridade e concordância de elementos. Acrescente se que essa claridade e concordância, por si sós, apenas constituiram a chata harmonia do ideal vazio, se outras leis não interviessem também na transformação das imagens.

A segunda lei é que as imagens se modificam por extensão ou por encolhimento, assim como pelo aumento ou pela diminuição da intensidade das sensações de que se compõem.

No sonho, as imagens se dilatam ou se reforçam sob a influência dos sentimentos. Leves ruídos ampliam-se grandemente, figuras crescem de modo desmensurado aos nossos olhos, no espaço. O mesmo processo de transformação dos elementos, em sua intensidade e extensão, sob a influência de sentimentos, pode ser observado no poeta, em cujo espírito a majoração nervosa da realidade é comparável à ação de um espelho de aumento.

Mas, existe, ainda, outro meio de modificação das imagens, e êsse é o mais importante para o artista. E' fraca a imaginação que se contenta com eliminar, reforçar ou diminuir, aumentar ou reduzir. Não alcançará senão uma débil idealidade, uma simples caricatura do real. Só a eliminação e a deformação não dariam à obra literária vida plena: a mais importante fonte do poder criador está no terceiro processo, que se pode enunciar dêsse modo:

«As imagens e suas combinações se modificam pela integração de novos elementos e novas relações no seu núcleo mais íntimo, que assim se completa».

Para que nasça a verdadeira obra de arte, afirma Dilthey, o próprio núcleo íntimo das imagens há de desenvolver-se, recebendo complementos positivos. Não é fenômeno fácil de compreender. Uma percepção ou uma representação é primeiro transformada, segundo as leis da associação e da fusão, pelo fáto de que outra percepção nela se integra ou a ela se associa. Mas a associação não comporta nenhum princípio que exceda a ação da contiguidade afetiva, e a fusão não produz senão uma integração. Somente sob a influência de todo o conjunto coerente, constituido pela vida psíquica, é que as imagens podem transformar-se: modificações sem conta, não mensuráveis e pouco sensíveis. Verificar-se-ão no seu núcleo. Da plenitude da vida psíquica, nascerá, assim o complemento do particular

Não caberia, nos limites dêste artigo e do objéto que temos em mira — a pesquisa dos motivos recônditos da criação artística —, reproduzir o que diz o pensasador alemão a propósito dêsse processo de completamente das imagens, em seus núcleos mais íntimos.

São páginas de compreensão difícil, que não poderiam ser explanadas sem grande desenvolvimento da matéria. Os que se interessarem pelo assunto e não conhecam a obra de Dilthey poderão ir à própria fonte, que aqui vai indicada: «Le monde de l'esprit», tome second, pág. 176 (Aubier, Editions Montaigne).

ACALANTO DO MORTO

HENRIQUETA LISBOA

UM SEIO PROPRICIO
DORME.
DE OLHOS SOB MUSGO
BOCA DESCARNADA
E OUVIDOS DE PEDRA,
DORME.

NAS VEIAS DA NOITE,
NA MAIOR DISTANCIA
DOS MARES, NAS ILHAS
ONDE NUNCA APORTAM
NAVIOS, NEM CHEGAM
ARAGENS DA TERRA,
DORME, DORME.
NÃO SINTAS, NÃO OUÇAS
O ALARIDO ENORME
QUE SACODE AS PRAIAS.

COM VIOLENCIA DE HORDAS
TUA MORTE AVANÇA.
DORME, DORME, DORME,
PARA QUE NÃO VEJAS
ESTA SOMBRA INFORME
CRESCENTE DOS VALES,
SUBINDO COM AS AGUAS,
NIVELANDO ABISMOS.
PRÓXIMO DILUVIO,
PERDIDA PRIMEIRA!

SÓ A MORTE EXISTE,
SÓ A MORTE VIVE,
COM CEM BRAÇOS MOVEIS
COM CEM BRAÇOS FIXOS,
COM PALAVRAS QUENTES
E FRIOS DELIQUIOS,
PARA A LUA. — A MORTE! —
COM VAGARES, COM
PROPOSTAS E ENIGMAS
DE FERA NA JAULA.

GOLPE DE RELAMPAGO
ENTRE A FLOR E O CAULE,
RESTAM DO OUTRO ESTAGIO
SENTINELAS MUDAS
PROTEGENDO OS MORTOS
COM MANEJOS PROPRIOS
DE CEGAR OS VIVOS.
NADA SE APROXIMA
DE ONDE ESTÁS, PERFEITO.
NINGUEM SE APROXIME
DO TEU PURO LEITO.
DORME, DORME.

TUDO ESTÁ CONFORME
DESIGNIOS PRECISOS.
VIVERÁ COMIGO
TUA MORTE. DORME.
GUARDAREI IMPÁVIDA
TUA MORTE É MINHA,
NÃO A SOFRAS. DORME.
DORME.
DORME.

VARIAS

COMENTÁRIOS...

MUITA razão teve aquele intelectual quando lamentou a indiferença de certas editoras no que diz respeito á reedição de algumas obras da literatura brasileira.

Obras como O ATENEU, de Raul Pompeia, MEMORIAS DE UM SARGENTO DE MILICIAS, de Manuel Antonio de Almeida, ESPELHO DE ARIEL, de Ronald de Carvalho, continuam exgotadas.

As editoras deveriam reeditar esses livros básicos de nossa literária, como estão fazendo com as obras de Machado de Assis. Sobretudo para a formação cultural da nova geração é indispensavel uma maior divulgação desses livros.

Não faz muito tempo, um estudante de ginásio declarou, numa conversa de café, que o seu maior desejo era conhecer o estilo de Pompeia, os estudos de Ronald de Carvalho. No entanto, era a coisa mais difícil do mundo encontrá-los nas livrarias, onde abundam volumes de autores modernos.

Nem todos podem comparecer ás bibliotecas públicas ou andar á procura de alguem que possua em suas estantes obras exgotadas.

* * *

Encontro com o escritor João Lelis. A conversa descamba para a literatura. O autor de A CAMPANHA DE PRINCESA disserta um pouco sobre poesia moderna. Em dado momento, perguntámos:

— Escrevendo um novo livro?

O nosso homem de letras sorri. Depois, acrescenta:

— Estou preparando um estudo sobre poétas e prosadores da Paraiba.

— O título? — insistimos.

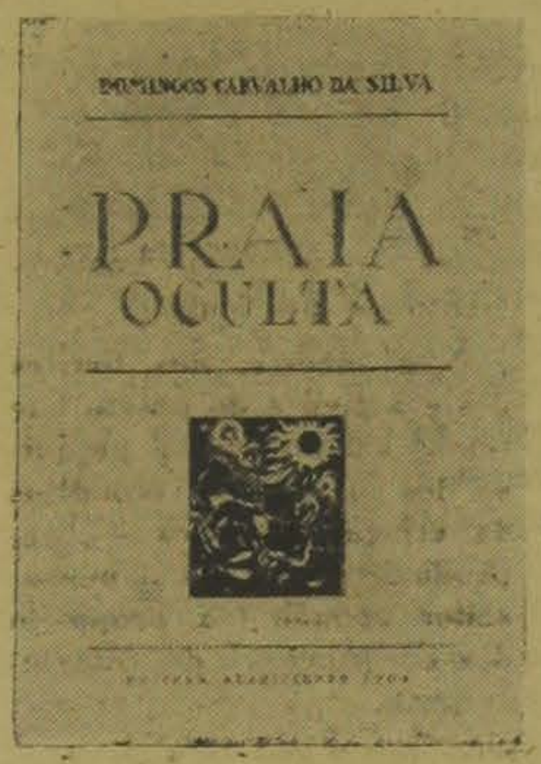
— Por enquanto, MENORES E MAIORES.

* * *

O escritor Veríssimo de Mélo nos manda mais um livro sobre o folclore, materia de sua especialidade. Trata-se das PARLENDAS, onde o autor estuda um dos aspectos do folclore infantil.

Verissimo de Mélo é incansavel nas suas pesquizas, e vem merecendo elogiosas referencias de várias autoridades no assunto, quer no país, quer no estrangeiro.

CARLOS ROMERO



CHEGA-NOS de S. Paulo **Praia Oculta**, o novo livro do poeta paulista Domingos Carvalho da Silva.

Para definir a arte de Domingos Carvalho da Silva, nada melhor do que estas palavras do crítico Antonio Candido: «Poucos como ele saberão na geração nova, compreender o valor sui-generis da linguagem poetica, por obra da qual ascendemos sob o toque direto da metafora criadora, a uma compreensão mais profunda da vida e dos valores da arte».

EXPOSIÇAO ANDRÉ GIDE

CELEBRANDO os 80 años de André Gide, o reitor da Universidade de París inaugurou uma exposição na Bibliotéca de Santa Genoveva. Foi organizada pela Sociedade dos Amigos da Biblioteca de Jacques Doucet. Escritores de várias gerações assistiam a inauguração: François Mauriac, Jean Paulhan, Jean Shumberger Julien Cain, conservador da Bibliotéca Nacional, Paul Léautaud, etc.

A exposição reune manuscritos, edições raras, retratos, traçando a vida do grande escritor. Nas vitrines vemos André Gide em creança, rodeado por sua familia; ou as cartas que trocou com os maiores nomes da literatura do nosso tempo, de Oscar Wilde a Paul Claudel.

CONDENADOS

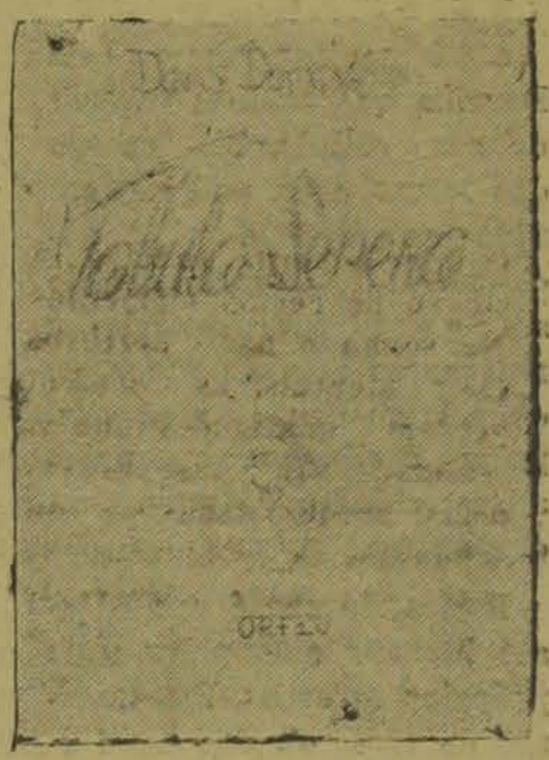
MAX ROUSSEL, pseudo tradutor e de fáto autor do livro «Ne sont pas morts tous les sadiques» atribuido a um imaginário escritor alemão Ernst Ratno, e o editor da obra René Cusset, foram recentemente presos na França, acusados de ultrage ao pudor.

O MANUSCRITO DO «MERCADOR DE VENEZA»

NA recepção dada durante um intervalo do «Mercador de Veneza», o professor Mondor entregou a Georges Hirsch a espada de academico de Reynaldo Hahn e o manuscrito da obra que reaparece no cartaz da Opera. A espada, segundo o desejo do compositor, será conservada no gabinete do Administrador Geral da união dos teatros liricos nacionais. O manuscrito tomará lugar entre as coleções do Museu. O professor Mondor, o sr. Shrameck em nome dos amigos de Reynaldo Hahn e Georges Hirsch, evocaram a lembrança do músico, tão viva naquela casa, a qual consagrou os últimos anos de sua vida.

LINCOLN

O SR. Viana Moog continúa a trabalhar no seu novo livro — a biografia de Lincoln.



CONTINUANDO o seu programa para 1949, «Orfeu» lançou, ha pouco, **Fabula Serena**, o novo livro de Darcy Damasceno, com ilustrações de Ladjane. A conhecida revista carioca reafirmou assim o seu rigoroso criterio selecionador ao entregar ao publico a obra de um dos mais admiraveis poetas da nova geração brasileira ao lado dos desenhos de uma jovem artista pernambucana, verdadeiramente excepcional.

OS PARADOXOS DE EDMOND JALOUX

JALOUX não desdenhava os paradoxos. Eis aqui três deles, lembrados pelos amigos do crítico e romancista:

— Não podemos ser filantropo senão formando, inicialmente, uma idéia muito mediocre dos nossos semelhantes.

— Cada pessimista não é nada mais do que um otimista desiludido.

— Somente aqueles que nunca tiveram grandes esperanças nunca desesperaram.

A CORRESPONDENCIA DE ANTONIO TORRES

COM prefácio de Gastão Cruls, aparecerá breve a correspondencia de Antonio Torres, obra, certamente, do mais alto interesse.

UM HOMEM INATUAL PARA O RIO

LUIZ PINTO

Há muitos homens da Paraiba que estão a carecer de um estudo. No campo das letras e da politica, em todas as etapas da vida sócio-cultural daquele Estado surgem individualidades marcantes que, ás vezes, se obumbram pela modestia, pelas desilusões e pelas agressividades do meio em que atuam.

Eudes Barros é um desses homens que, pelos seus próprios esforços, faz questão de viver olvidado. Muitas injustiças sofre esse belo espirito! E' quase um martir da incompreensão até dos amigos, daqueles que o conhecem de perto e podem medir a formosa extensão do seu espírito, da sua bondade, da dignidade pessoal por que dosa os atos da sua existência e as atitudes que tem assumido na politica e nas letras.

Conheço-o de longa data. Somos da mesma geração. Apareceu um dia na capital paraibana, vindo de Alagoa Nova, ainda de calças curtas, trazendo a cabeça cheia de poesia, de amôr, de sensibilidade, sem ódios, sem ambição, todo desapego ao interesse material todo ambição e fascinação pelo espírito.

Chegou a capital de Augusto dos Anjos e, impetuoso, menino ainda, contemplou uma paisagem humana que logo o enleiou e seduziu, que quase o embriagou totalmente. E não tardou que o menino pálido, franzino, meigo, educado, como se fosse um londrino, procurasse os mestres, os maiores da terra, para lhes mostrar um livro que havia escrito. Era um livro primaveril, de encantos, quase de salmos literários, onde se continham sonetos admiráveis, poêmas de uma alta compreensão humana e de perfeição poética e literária.

FONTES E PAÚES era esse livro do menino Eudes, cujos poêmas eram dedicados, com palavras repassadas de douçura espiritual, aos maiores da terra, aos homens feitos, poétas de largo folego, amestrados no versejar e no lidar com a musa.

O livro de Eudes Barros tinha substancia, trazia uma ampla alma poética impregnada de um alto sentimento da velha cultura francesa, dentro da rima e da metrificação dos mestres antigos.

Pouco tempo, e Eudes Barros tomava forma ao lado dos mestres, emparelhando-se com os maiores que, naquela pequena terra, povoavam o céu da poesia.

Carlos D. Fernandes, o sublime menestrel, foi, dentre todos, o que primeiro sagrou o talento de Eudes, dedicando-lhe grande atenção, lendo e aplaudindo as suas produções literárias.

As aguas do Jaguaribe e do Tambiá acabaram de criar o adolescente. Deram-lhe voz grossa de homem feito e puseram-no definitivamente no coração do parque cultural da Paraíba. Foi a idade da «Era Nova», revista que acolheu uma geração de moços, que estimulou talentos incompatíveis. Alí, ao lado de Perilo D'Oliveira, Sinésio Guimarães e outros, Eudes teve os seus dias áureos, sua sublimação poética, suas cronicas feiticeiras.

Aparece-lhe, nessa fase, o seu outro livro — «Canticos da Terra Jovem». Aí já é o modernista. A escola nova o atrai e o seu espirito deixa as seduções da rima, da metrificação, da sonoridade compassada para abarcar os vôos da evolução e do modernismo cultural. Mas, mesmo assim, abraçando a escola nova, não se extremou. O seu modernismo tem alma, ritmo, fundo social. São os poêmas que sensibilisam e emocionam, sobretudo os que se referem ao Brasil e ás suas lendas, religião e místicas. «Jesús brasileiro», o seu enlaiante poêma, é uma magnifica demonstração do seu verso moderno.

A politica paraibana, logo cedo, houve de envolver Eudes Barros. O poéta, o sensitivo, o homem de cultura, que devorava Voltaire no original, que se abeirava dos clássicos, das boas fontes, caiu no jornalismo diário, no panfleto, nas polêmicas, na luta aguerrida e acesa, que, ás vezes, leva o homem da pena ao revolver e do revolver á pena, pelas próprias circunstancias do meio agressivo e vil.

A velha tradição jornalistica, que levou Antonio Borges da Fonseca a ser o primeiro condenado por excesso de linguagem no Brasil, na terra paraibana como que revive, reverdece e se multiplica nos dias novos.

Nesse colear de serpentes humanas, Eudes, que nunca puxou um gatilho, viu-se obrigado a guardar a mesma tradição de Artur Aquiles, Eugenio Toscano e Lima Filho. Foi jornalista dos maiores, polemista, articulista político, levando para as colunas do jornal o bom estilo, o bom português, o pronome bem colocado, a regencia certa. Campeou na oposição ao lado da bravura civica de Boto de Menezes, numa das lutas mais sérias e mais perigosas da história da Paraiba. Era uma peleja de vida e de morte, nas colunas do «O Norte», de «A Rua» e do «Brasil Novo», que, mesmo com a terra ensopada de sangue, trouxe o hino da vitória.

Boto veio para a Comarca e alguns deputados ficaram na Assembléia Estadual.

Eudes, o arquiteto dessa encantadora vitória civica, não desertou, não fugiu, não temeu. Só entregou seu clavinote ao comandante, ainda com o cano fumegante, quando o campo estava limpo e não havia mais o que combater.

Voltou-se, então, para os livros, e em pouco tempo nos deu «Dezessete», romance dos mais sedutores, dos mais honestos e bem feitos das letras nacionais. Reflete ele a revolução nativista de 1817, e as suas páginas reviveu todo o encanto daquela luta libertaria que sacudiu e empolgou toda região nordestina.

Alcançando vitórias da critica, Eudes Barros não se envaideceu nem se ensismesmou. Os amigos o arrastaram novamente ao campo politico. Dessa vez, descompromissado, formou com Argemiro de Figueirêdo e, na hora da peleja civica, inclinado sempre para a cultura, pediu ao chefe que lhe entregasse a propaganda do candidato José Pereira Lira. As suas páginas de jornal tinham a mesma sedução daquelas da campanha de Antonio Boto.

Vitorioso o seu candidato, anos depois, Eudes Barros resolveu deixar a Paraiba definitivamente. Enfrentando as lágrimas da boa mãe, que o adora, contendo as saudades, vem ele residir na cidade menos indicada para o seu temperamento. Homem de uma grande sensibilidade, capaz de se doer com a mais leve ingratidão, sem jeito para bajular, sem capacidade de agregar-se ás panelas literarias a que se reduziu o Rio de Janeiro, nada tem feito, senão esconder-se na mais nostalgica das modestias, desaparecer dos amigos e até das letras.

Beneditinamente, durante mais de 2 anos, na Biblioteca Nacional, Eudes armazenou material importante e escreveu um livro sobre a América Latina. O desconsolo, a desilusão dos amigos o compeliram a encostá-lo na gaveta ou até a perde-lo. Os editores pedem uma segunda edição de «Dezessete» mas ele não a prepara.

Não é cabotino, Eudes Barros, não é mediocre, e, por isso, não pode vitoriar no Rio, atualmente.

NABUCO

O Sr. Múcio Leão vai reunir em livro — um sólido, belo e oportuno livro — as conferencias que realizou recentemente sobre Joaquim Nabuco, e que representam uma importante contribuição de pesquisa e interpretação para o conhecimento do grande brasileiro.

OS ESPETACULOS

ALICE LA MAZIERE

"NEIGES", no teatro Montparnasse Baty. Três atos de Mmes. Marcelle-Maurette e Georgette Paul.

Madame Marguerite Jamois continua a nos deslumbrar. No teatro Montparnasse Baty, que ele dirige, encerrou "Neiges" peça de que é a principal intérpetre. O papel de Nonna Vaslova, dansarina estrela, celebre no mundo inteiro, esguia alta flexivel, apaixonada pela sua arte, a que tudo sacrificou, lhe convém maravilhosamente.

Quando o pano se levanta, aparecem os camarins onde se agitam, falam, gesticulam, discutem e se enfeitam, antes de entrar em cena, muitas jovens bailarinas. O público se diverte ao penetrar nêsse meio com o qual "Les Chansons rouges" já o familiarizaram.

Todo aquele pessoal do saiote — a supervisão coreográfica é de Serge Lifar —, troca impressões desagradáveis, fala com terror e respeito de "Madame". Admiram-na pela perfeição do seu estilo, porque entregou-se inteiramente á sua arte. Receiam-na, porque é áspera, é feroz a sua autoridade. Falando dela, os sentimentos que exprimem são sem nenhuma amenidade.

Ela aparece. Todos se calam, exceto Ana que, trazendo nos flancos a esperança de uma futura maternidade, solicita férias. Com que altivez e ironia, com que implacável rigor, a Vaslova acolhe a confidência!

Monna não é mais nova. No tablado de dansas — onde não chegamos a velha — ela é acometida por um desmaio cardíaco. Graças à dedicação de Claudie Renelli (irmã de Ana, tão rudemente repreendida), o público não chegou a perceber. Mas, Monna compreendeu e cede aos conselhos do médico: vai descansar seis meses, passar o inverno na Savoie, num chalet que possui no alto da montanha. Claudie pede-lhe, suplica-lhe para que a leve consigo. Acaba consentindo. Vida calma e monotona no chalet. A neve cai, bloqueia as saídas. Eis que aparece um visitante. É Igor Smoleff (Roger Karl) compositor e regente de orquestra, um amigo de Monna e que foi seu amante. Seria para se consolar do modo desdenhoso daquela que numa certa época, considerava como sua? Êle bebe mais do que é rezoável, além da medida. Uma noite, quando, no grande salão, o músico está ao piano, Claudie chega pisando de leve.

Empolgada pelo ritmo da música, dansa. Educada em boa escola, também, é ambiciosa e aguarda o dia em que as aclamações do público proclamarão a sua glória que desponta.

Monna, que pouco dormia, penetra por sua vez na sala. Mordida pelo ciúme, a sua irritação, a sua cólera se manifestam pelas mais ofensivas palavras. Expulso Claudie, tocara para fóra de casa, naquela hora avançada para o vento que uivava, para a tormenta horrível, quando toda a circulação era impossível.

Acabada a cura de repouso, era preciso voltar a Paris. A Vaslova será vedeta do novo ballet. Mas, confiou demais nas suas forças. Era preciso renunciar para sempre para nunca mais ..

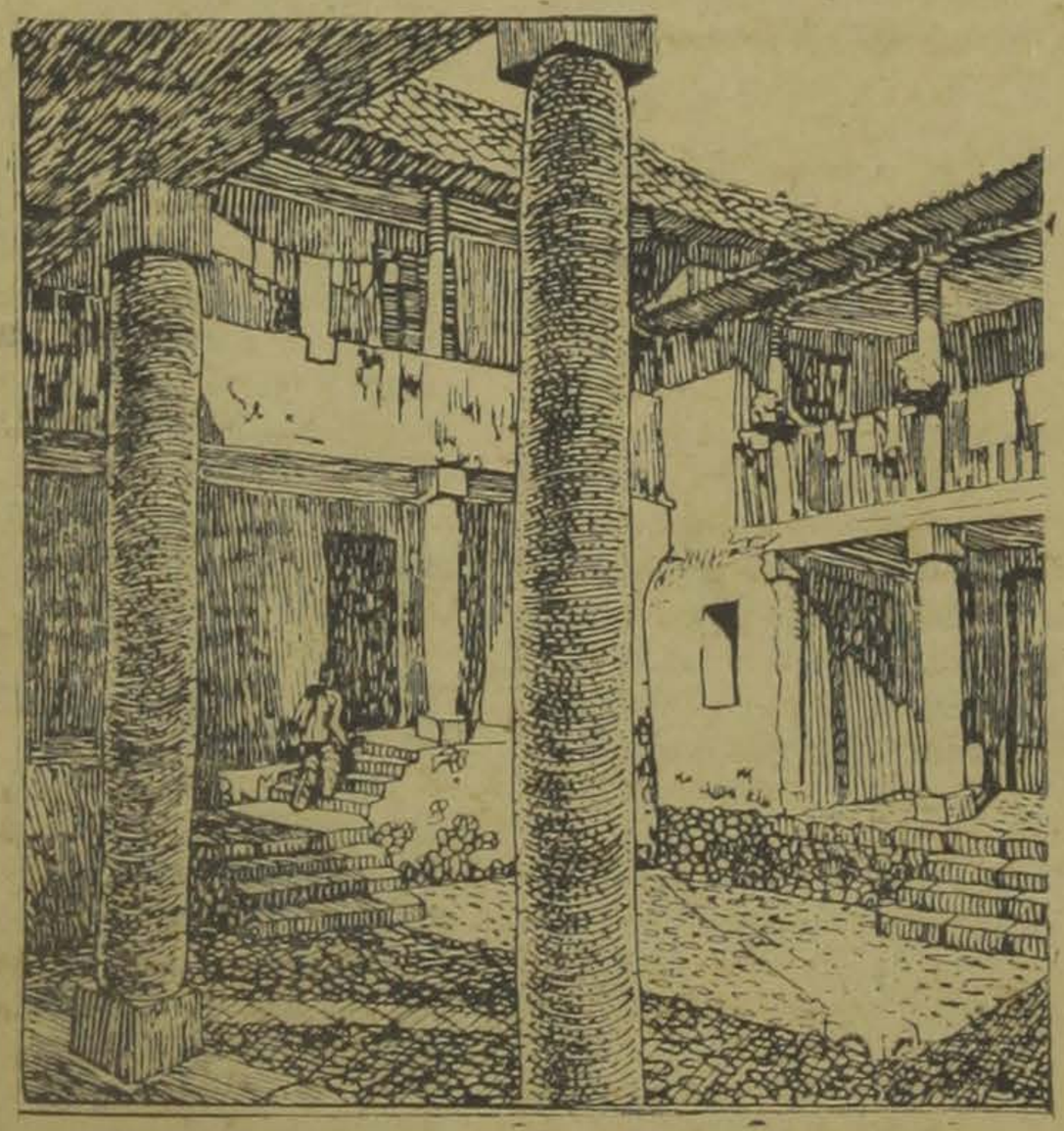
O que era urgente naquele dia, era garantir a representação. Quem poderia substituí-la? Lembrou-se de Claudie e mandou chamá-la. A cena em que a moça, podendo, enfim, se vingar, realça a decrepitude e a esterilidade de Monna, é atroz. Acaba aceitando.

Na noite da estreia, dissimulada atrás dos arcos das abóbadas, no meio dos eletricistas acompanham, com os projetores, os passos da nova estrela, Monna assiste ao triunfo da sua rival. E alí ficou sózinha. Como iam fechar, pediu "Não apaguem... Ainda há alguem aquí". Depois, num andar vacilante, desce os degraus da escada de ferro.

A que corresponde o titulo da peça "Neiges"? Não parece um pouco anfibológico? Seria por causa do baillet? — Sim, diz Madame Marcelle-Maurette, que acrescenta: "É também um símbolo para mim. A queda dos flocos de neve me parece a imagem de tudo o que nasce, mingua e se apaga, de tudo o que se renova."

Para ilustrar êsse símbolo, Douking pintou sedutores cenários, evocadores e poéticos.

Ainda uma vez, nossos elogios a Madame Marguerite Jamois, tão bela, tão pertubadora, e ao último quadro, tão patética. (S. F. I.)

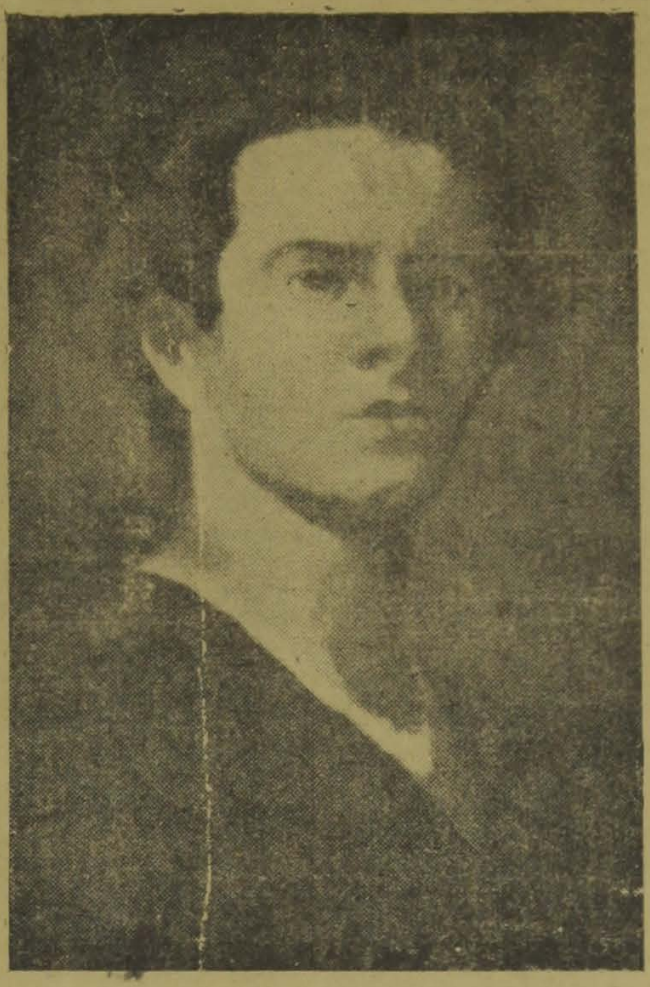


«Interior quitenho» — bico de pena de Sérgio Guarderas. O presente desenho foi reproduzido da revista «Ecuador», mensário de cultura e turismo, editado pelo Governo de Quito.

REEDIÇÃO DE UMA ANTOLOGIA

O INSTITUTO do Livro acaba de apresentar nova edição da «Antologia de Poétas Brasileiros da Fase Romantica», seleção e prefácio de Manuel Bandeira, obra de grande interesse, como vulgarisação sistemática de um periodo áureo da nossa poesia. —

JUAN B



Publicamos nesta página um auto-retrato, um desenho e um óleo de Juan Barba. Estas três amostras do temperamento artístico do jovem pintor acusam a mesma personalidade que as torna inconfundíveis. Barba gosta dos tons quentes e sua palheta aproxima-se mais das côres empregadas pela pintura flamenga do que daquelas empregadas pelos pintores espanhóis. Extraordinário desenhista, Juan Barba demonstra rara habilidade na composição de suas obras.

Com esta informação sôbre Juan Barba, uma das promessas mais eloquentes da pintura espanhola, a revista SANTIAGO, orgão de informação cultural espanhola, que se edita no Rio de Janeiro inicia uma série de notícias sôbre a jovem geração de pintores espanhóis. A falta de espaço, explica a referida publicação, nos impede dedicar-lhes, bem como às suas obras, a atenção que merecem. Que sirvam, porém, estas breves notícias para orientar nossos leitores acêrca do rumo que vai tomando a jovem pintura espanhola.

JUAN BARBA PENAS, filho de Francisco e de Aurea, nasceu em Madrid no ano de 1915. A família habitava uma casa da calle del Príncipe; mas, por morte do pai, Dona Aurea levou seus filhos para os confins da cidade e alí se detiveram numa colina do bairro de Usera. Dêste revés da fortuna, ficou em Juan Barba um silêncio para guardar, êsse grave silêncio dos homens a quem a vida deixou, desde meninos, com a palavra «felicidade» nos lábios.

Juan Barba leva no seu íntimo um mundo complexo. Guarda num mesmo saco o Bem e o Mal, pedaços de ouro e recortes de jornais, casúlas e trapos velho. Tenho a impressão de que poderia passar mil anos dentro de si mesmo, analizando sua própria paisagem onde não brilha o sol.

— Cada um pinta aquilo que mais gosta — diz-me —; eu pinto as pessoas que desejaria conhecer e a paisagem dos lugares onde gostaria de viver.

Se isto é verdade teremos que procurar Juan Barba na porta de um convento de frades capuchinhos, entre os pobres que esperam ao sol um irmão leigo que lhes venha encher de sopa a marmita. Porque seu mundo é a ruína de um mosteiro invadido por uma estranha gente que o habita ao Deus dará; neste mundo de Juan Barba existe um rio em cujo leito já não corre água, mas onde as últimas chuvas deixaram charcos para que os pobres possam beber. Alí está Juan, preparando um cigarro com ervas secas; e se algum dia os deuses o encontram, o sentam à sua mesa, Juan irá levando sua escudela de barro para que lhe saiba a pobreza o banquete divino.

Juan Barba casou-se com Maria de los Angeles del Rio; é tão jovem sua mulher, que Juan envelhece perto dela. Muitas tardes os dois vêm à minha casa:

— Viemos — diz êle — saber se você nos deixa ouvir música.

Juan Barba gosta de música. De três coisas êle gosta muito: ouvir música, passear e ter quem lhe leia. Si deseja às vêzes enriquecer é só para poder fazer estas três coisas. Quando ouve música de Beethoven, Juan transpira como si êle mesmo a executasse.

Como soldado, Juan Barba, visitou alguns povoados e recorda sempre êsses anos de vida militar. Pintava então o retrato do sargento

CANÇÃO

CYRO PIMENTEL

DESPE O TEU MANTO DE TRÊVO
QUE A FONTE O RECOLHERA.
OUVE O LAMENTO DAS ÁGUAS
QUE PRESSENTEM O MISTÉRIO.

SAGRADOS OS TEUS CABELOS
QUE OCULTAM OS HORIZONTES.
BEM VÊS NUVENS DE SONO
EMBRIAGAR O MEU INTENTO.

SENTE A NOITE O TEU CORPO
SONHANDO EM MINHA SOMBRA:
É O DESTINO DOS DEUSES
— ESCULPIR TÚMULOS E MORRER.

RBA

— Quando quero descansar, vou ver o que fêz o Bosco. Nenhum dos modernos me entusiasma. O pintor mais honesto é o que menos interesse tem: Gisberi, por exemplo. Rosales e Fortuny parecem-me os melhores entre os nossos. Entre os outros, Cezanne. Mas Cezanne não é um pintor, é um científico; não goza com a pintura, resolve-a.

— E entre os surrealistas?

— Só creio na sinceridade dos surrealistas anteriores ao surralismo.

— Quais foram teus mestres?

— El Cason. (El Cason é o Museu de Reproduções). Não vou ao Museu para aprender, vou como turista porque gosto de ver o que encerra.

Conheço quasi tôdo a obra de Juan Barba: Seus desenhos são extraordinários; até seus erros têm categoria. E' prodigioso ver como a minuciosidade do lapis não torna afetado o seu estilo. Desenha como um clássico e suas obras são um exercício de honestidade. Barba não evita os problemas que lhe cria sua intuição; resolve suas emoções, linha por linha, com todo detalhe, sem atalhos impressionistas onde se ocultam outras enfermidades da pintura. A de Juan Barba encontra-se neste transe impetuoso de ter saído do truque sem achar ainda a formula pura que procura sua própria exigência. Mas não importa vê-lo caminhar com incerteza pela tela; sua inhabilidade tem também uma impressionante substância; nem siquer o erro pode ser aqui desperdiçado porque contém uma condição tão nobre que nos faz refletir da obra e não nos permite passar ao largo. Algo importante existe nela, apesar de não sabermos, no momento, onde reside. Pois não é uma aventura fácil a desta pintura que não quer impor-se pela graça e sim pela razão. Pintura de grande santo ou de grande herege que se faz temer antes de fazer-se amar.

SANTIAGO

JÁ sabiamos de sua existência e dos muitos elogios feitos a SANTIAGO, antes que um exemplar dessa revista de Informação Cultural Espanhola chegasse às nossas mãos. Agora, por intermédio do Vice-Consulado da Espanha no Recife, recebemos 3 exemplares do segundo número. Lamentamos sinceramente que o primeiro não tenha chegado até a Paraíba e não chegue nunca mais, pois lemos neste número uma noticia de que o mesmo está esgotado.

SANTIAGO, é uma bela revista, de cunho altamente cultural. Através das suas páginas bem ilustradas, escolhidas colaborações de brasileiros e espanhóis revelam a atual vida literária e artistica da pátria de Cervantes, publicando ao mesmo tempo noticias sobre vultos do passado, documentos históricos, reproduções de quadros, etc.

Está de parabens a Embaixada da Espanha no Brasil, especialmente o adido cultural sr. Garcia Vinolas, a quem se deve decerto o êxito da iniciativa.

São diretor e redator-cnefe respectivamente de Santiago os srs. Carlos Gonçalves Fidalgo e Manoel Garcia.

Enderêço: Rua Riachuelo, 414 Rio de Janeiro.

Noticias

«UNIVERSO»

O SR. San Tiago Dantas pretende dedicar-se mais assiduamente aos problemas da cultura. Assim é que já registrou, sob o título de Universo, uma revista trimensal cujo primeiro número deverá ser lançado nos fins de Março do próximo ano. Universo será, também, um centro de irradiação cultural, cujo programa compreende a edição de livros e a promoção de cursos e conferencias.

SARTRE EM NATAL

Não faz muito tempo, o Conjunto Teatral Potiguar, que reune uma boa equipe de valores da ribalta, levou á cena a peça de Sartre: O MURO, merecendo os maiores aplausos da imprensa local.

O grupo teatral do Rio Grande do Norte está sendo chefiado por Newton Navarro e obteve nessa sua apresentação grande exito.

Integram o referido conjunto nomes como Marcelo Fernandes, Paulo Teixeira, Humberto Magalhães, Sandoval Wanderley, N. Navarro, Aurea C. Barros Di Navarro e Lenine Pinto e outros.

SOBRE SARTRE E O MURO

LUIZ HUGO GUIMARAES

OS estágios da literatura através os tempos, pelos suas diversas escolas, abrangeram períodos sempre longos. Primeiro a escola trovadoresca, que naturalmente, pela dificuldade de propagação das idéias, encheu três séculos de poesia historica e sem graça; depois a escola clássica quase que também ocupando três séculos com o rigor da forma, a impecável apresentação artística: com o gongorismo se foi um século; mais outro para o arcadismo; o século XIX se dividu pelo romantismo, parnasianismo e simbolismo.

Que diremos dêste atribulado século XX? As escolas na nossa época já não duram nada. Ou melhor, na nossa época não ha escolas. Ha inclinações, ha tendências. Tendências que aparecem como cogumelos pelos recantos dos muros. E isso se deve á multifária atividade terrena do homem, se deve aos múltiplos processos para se chegar ao conhecimento humano. Essa a razão do variado complexo literário dos nossos dias, êsse o motivo por que a propensão aos agrupamentos desapareceu. Já não ha tempo para a formação de escolas. Quando um escritor, nos nossos dias, alevanta a voz, dois ou três lhe seguem. Mas, dois ou três somente. Jamais presenciaremos aquela paisagem dos séculos que se foram, quando o artista da pena parecia mais um pastor de ovelhas. Era bastante apontar o caminho e as ovelhas pacificamente por êle enveredavam. Ao contrário, o que hoje notamos é um espírito de rebeldia sempre presente, uma vontade sempre firme de renovar, de dar novas nuances á literatura.

Na França, nesse quase meio século, foram inúmeras as transformações. Passamos por Anatole, Bourget, Romain Rolland, Proust, Bergson, Mauriac, Bernanos e agora Duhamel, Camus, Sartre, além de tantos outros que não nos vem á memória no momento.

Se quisermos dizer alguma coisa sôbre Sartre, que é o mais próximo de nós, mesmo que não queiramos investigar as causas profundas dessa renovação literária, mesmo assim temos que admitir a nova marcha para o absoluto abandono ao formal.

Sartre além de outros livros nos deu uma coletânea de contos, que enfeixou num volume denominado "O muro". Não podemos dizer que se trata duma renovação total da literatura, o seu jeito especial de escrever. Mas é, sem dúvida, um passo gigante contra a forma preconcebida, esquematizada, dos últimos escritores. Porque muitos literatos passam até anos com uma obra qualquer em gestação. Antes de iniciarem o trabalho são pesados, são examinados detalhadamente os prós e os contras. Dir-se-ia que o arquiteto vai alevantar a casa e por isso faz a planta. Sartre não precisa de planta. É-lhe bastante o lugar certo para o alevantamento da obra. E uma vez iniciada, tanto faz o alicerce como a comieira. No fim a casa fica prontinha e tudo no seu devido lugar.

Em "O muro" penetra vivamente no homem isolado, no indivíduo sempre anormal, rebuscando-lhe os sentimentos mais recônditos. É de um realismo inpressionante, fortemente palpável e aniquilador. Por mais equilibrado que seja o indivíduo, por mais sereno que êle se apresente, tem em si mesmo um segredo a desvendar. Não ha ser normal. Cada um de nós temos os nossos defeitos, coisinhas escondidas lá dentro á espera da oportunidade para surgir á tona. E Paul Sartre investiga as apreensões intimas, as fraquezas morais, o abastardamento pelo vício, pelas perversões, e investiga para mostrar que o proprio homem pode, sem abalar suas convicções, se insurgir contra êsse estado de cousas. O autoaniquilamento é uma consequência do próprio desânimo de cada um. Não queremos acreditar que Sartre descreva alguns fatos de seus contos com certa sinceridade de palavras somente para se tornar libertino. Não é a obcenidade que êle procura. O realismo, ou melhor, o supra-realismo sartriano não é sem motivo, não é para atrair leitores medíocres, ou para espantar eruditos puros. Tem um fim. O moralista se levanta e agarra o indivíduo pela abertura do paletó, sacode-o, estremece-o todo, para que êle sinta que existe, para que êle acorde e se supere.

Não é nova sua técnica de escrever o que o cérebro vai ditando, mas a maneira natural com que êle se utilza dessa técnica é verdadeiramente "sui generis". O pensamento corre, se desenvolve normalmente, claro e simples, ás vêzes confuso e sombrio, mas é o pensamento natural, desenvôlto do parafraseado feito para impressionar. "Senhor — Sois célebre e vossas obras alcançam tiragens de trinta mil exemplares.. Vou dizer-vos porque — é que amais os homens. Tendes o humanismo no sangue: eis a vossa sorte. Desabrochais quando estais em boa companhia; quando vêdes um de vossos semelhantes, mesmo sem conhecê-lo, sentis simpatia por êle. Admirais o seu corpo, pela maneira como é articulado, pelas pernas, que se abrem e se fecham á vontade, pelas mãos sobretudo; agrada-vos que haja cinco dedos em cada mão e que o polegar passe a opor-se aos outros dedos."

As idéias, os conceitos não são empilhados em frases geométricas, pode-se dizer que ficam umas sôbre as outras, rumas e mais rumas de idéias soltas, arrumadas á vontade. Nem porisso deixamos de apreciar o seu trabalho, ou talvez o apreciemos porisso. Porque, como dizia Boileau, "Souvent un beau désordre est un affet de l'art".

BALANÇO DE FIM DE ANO

(Conclusão da 1ª pag.)

um Congresso, obra de puro idealismo, que bem demonstra o que foi realisado. Afonso Pereira marcou um tento de mestre.

Quanto a Política... assunto a parte que deixamos reverentemente de abordar.

Chegamos a 1950, Ano Santo de muita festa, o Vaticano em plena ofensiva. No dia 31 de dezembro, não muito próximo, caso ainda exista vida e engenho, trataremos do que vier acontecer até lá

UMA VEZ NA VIDA

Conto de LOLA KNEIP DE MELO

EMBORA o quizesse, agora ela já não poderia voltar atrás. A não ser que, à clássica pergunta do sacerdote, "aceita êste homem como seu legítimo espôso?", respondesse com um "não" formal. Mas, teria a coragem de fazer semelhante coisa? Sabia que não teria nunca essa coragem. Era tímida por natureza, como ousaria escandalizar as pessoas que estariam alí na igreja, assistindo a seu casamento e olhando-a, ou com inveja, ou com admiração, mas olhando-a, enfim, pálida e solene no seu vestido de noiva, pálida como uma morta, por que tinha a certeza de que estaria assim? Como ousaria dar êsse desgôsto à sua mãe, que tanto a amava e que, tudo o que fizera, de bom ou de máu, não visara mais que uma finalidade: assegurar sua ventura? Os primos, que haviam chegado de tão longe para a festa, trazendo presentes e cheios de amigáveis gracejos, os primos, o que diriam? Todo o mundo, o que falaria dela se, na hora em que devesse responder um "sim" sereno e decidido à pergunta do padre, estragasse com uma negativa o sossêgo e a alegria de sua velha mãe, dos parentes e dele... dele também, que afinal a amava era bom e tudo faria para torná-la feliz?

Mas, Adelaide não iria desacontar ninguém. Até o fim, assumiria aquela atitude passiva que encobria, no entanto, revolta e desgôsto. Ninguém era culpado. Ninguém. Sómente ela própria. Ela e o seu mêdo.

Ainda no dia anterior, à hora da confissão, depois de tudo contar ao padre Bernardo, que a conhecia desde pequena, que a preparara para a primeira comunhão, (como ocultar-lhe um segrêdo daqueles;), sentira uma relativa paz, ao ouvir o que êle pensava a respeito do que lhe tirava o sono, há tanto tempo.

Padre Bernardo, no seu jeito bondoso, perguntara-lhe:

— Minha filha, você tem certeza de que será uma boa espôsa? De que guardará sempre fidelidade ao homem que vai levá-la ao altar?

Ela erguera para êle seus olhos puros.

— Sim, padre Bernardo, tenho a certeza.

Seria uma boa espôsa, uma boa mãe. Seus rígidos princípios não lhe permitiriam adotar outra atitude. Mas, ainda não se casara. Chegaria a fazê-lo? Assim, com o rosto do outro bem na frente de seus olhos, sua risada acompanhando-a, a mofar de seus preconceitos, de seu modo de encarar a vida, de suas idéias passadistas, como êle dizia, fóra de século, idiotas e sem razão de ser?

— Padre Bernardo, será justo, que eu me case, mesmo assim, sentindo, como sinto, o coração cheio de amor por outro homem? Será justo, Padre Bernardo? perguntara ela, num lamento.

A voz do padre soara mansa e grave.

— Minha filha, você ama êste outro homem, mas êle nunca há de torná-la feliz. Êle não presta, Adelaide. Só a quer para seu divertimento, para seu passatempo de homem irresponsável. Será a sua perdição, minha filha se lhe der ouvidos. Case-se com seu noivo. Você hoje crê que não o ama. Mas quem sabe o amor, sem que o perceba, já não estará no fundo de seu coração, como uma semente pequenina, que você não pressente, porque está tôda voltada para a maligna fascinação dêsse outro homem? O coração tem tantos mistérios! Talvez ainda chegue a amar o que será seu marido e êsse amor fará a sua felicidade, porque, ao envez de violento e mentiroso, será um sentimento calmo, no qual poderá repousar. Esqueça o outro, minha filha. Não há pecado no que você vai fazer. Pecado seria o entregar-se a êsse homem sem consciência, que não lhe daria estabilidade na vida, nem a você, nem aos filhos que de ambos pudessem nascer.

Estabilidade. O mesmo que a mãe dizia. Pedro nunca lhe daria estabilidade, segurança material. Fôra por essa mesma razão que os tinham afastado. Havia um exemplo triste na família, o de Nenê, sua irmã mais velha. A pobrezinha não ouvira ninguém quando, como um ciclone, o amor a envolvera. Conselhos, censura, nada pudera detê-la. Com uma firmeza de que nunca a julgariam capaz, tão franzina que aos vinte anos parecia ainda uma colegial, fechara os ouvidos a tudo o que disseram contra Carlos, e acabara por desposá-lo. O orgulho cerrara depois sua boca, mas todos sabiam de suas lutas e decepções. Também, o que poderia esperar, de um marido que jogava, não tinha emprêgo certo e considerava a vida com risonhos olhos de quem não quer ver sofrimentos e

MAGALHÃES FILHO — FEMEA

trabalhos, e apenas o seu lado bom, o prazer, as facilidades, o presente e nunca o futuro? Deus fizera pena de Nenê não lhe dando filhos. O que seriam das crianças, com um pai assim? Também ela aparecera para a festa, magra, com um vestidinho pobre, mas, contra a expectativa geral, com os lábios e os olhos sorrindo. Ninguém perguntara pelo marido. Nem a mãe, nem Adelaide, ninguém. Era a primeira vez que voltava a pôr os pés em casa, após os três anos de seu casamento. O marido não viera. Também, depois de tôdas as desfeitas sofridas... A mãe recebera-a friamente, mas Adelaide beijara-a com efeusiva sinceridade. No fundo, na sua timidez sempre tivera admiração e respeito pela firmeza de caráter daquela irmã.

Agora, no seu quarto desarrumado, cheio de coisas espalhadas por todos os lados, ela pensava em Nenê. Faltava pouco para o casamento. Dali a horas, tinha que principiar a vestir-se. Seu quarto seria invadido pela costureira, as primas, cada uma querendo dar o seu palpite sôbre a colocação da grinalda e o arranjo dos cabelos. Não desejava ver ninguém, falar com ninguém, naquele minguado tempo que lhe restava, a não ser com a irmã. Sentiu aquele desejo, súbito, premente, como uma fogueira selvagem se alteando em seu coração.

Resoluta, encaminhou-se para a pôrta. Até ela vinham vozes, lá de baixo. Entre elas reconheceu a da mãe, alta, estridente, de quem está acostumado a mandar. Mas não chegou a pôr os pés no corredor. Sorridente e tranquila, a irmã vinha a seu encontro. Recuou, então, e deixou que a outra passasse, fechando a pôrta. Recostou-se depois a ela, encarando a irmã.

— Como você soube que eu precisava falar-lhe?

Nenê sorriu, empurrando as peças de roupa sôbre o leito e arranjando um lugar para sentar-se.

— E não soube, querida. Eu é que precisava falar com você. Por isso subi, antes que invadissem o seu quarto.

Adelaide fitava a irmã, pensativa. Sua fisionomia não era, positivamente, a de uma pessoa desiludida e cansada. Os olhos claros conservavam o mesmo brilho, a pequena boca o mesmo jeito infantil de sorrir. Agora, com a cabeça meio tombada para a frente, os cabelos lisos e escuros, caindo-lhe sôbre o rosto, um riso malicioso distendendo seus lábios, Nenê era a mesma criatura moça e alegre que saíra dali, havia três anos, após tôdas as encrencas oriundas de seu matrimônio.

Então, era mentira o que diziam! Ela não era infeliz!

Adelaide avançou para a irmã, de braços estendidos, suplicante.

— Nenê, preciso tanto de você! Quero que me fale que me aconselhe. Todos me disseram para esquecer Pedro que êle me tornaria infeliz. Acreditei e hoje vou me casar com outro homem, que não amo. Quanto mais a hora se aproxima, tanto mais infeliz vou me sentindo. O que devo fazer, minha irmã, o que devo fazer?

Nenê começou a brincar tranquilamente com uma borla da cocha. Não demonstrou ter ouvido a súplica da irmã. Os cabelos sôbre os olhos não pareciam incomodá-la e ela era mais que nunca uma linda colegial e não uma criatura casada há 3 anos, naquela posição.

Adelaide já se impacientava pela resposta e entreabria a bôca, para saber o motivo de seu silêncio, quando, com um gesto todo seu, de repelão, Nenê ergueu a cabeça, atirando para trás os lisos cabelos escuros. Não, ela não esquecera a pergunta da irmã, nem a sua presença ali. Apenas sobrevoava alguma coisa, alguma coisa que só ela sabia, bem dentro de seu ser. Adelaide teve uma súbita desconfiança a êsse respeito, fitando-lhe os olhos, naquele momento, mais garotos do que nunca.

Minha irmã, disse Nenê, pausadamente. Antes de tudo quero que me responda a uma pergunta, com tôda a sua lealdade: você de fato ama Pedro, ou isso que pensa ser amor não passa de uma ilusão de moça?

Adelaide juntou as lindas mãos, num jeito de quem reza.

— Se eu o amo, Nenê! Como pode você me perguntar isso? Eu o amo mais que a tudo nesse mundo! Seria capaz de tôdas as loucuras para tornálo feliz... Se eu o amo, minha irmã! Que o digam as noites que passo em claro pensando nele, as lágrimas que tenho derramado por sua causa...

Nenê ergueu-se, postou-se em frente á irmã, colocando suas mãos nos ombros de Adelaide.

— Se você o ama como diz, minha irmã, não renuncie a êle. Nunca! Nem que venha o mundo contra você. Nem que lhe dêem todo o ouro da terra. O amor só aparece uma vez para cada pessoa... Se a sua vez é essa, se a perder, minha querida, tôdas as suas lágrimas não serão bastante para chorar, depois, sua decepção! Se o ama, deixe tudo, vá ao seu encontro, siga-o ao céu ou ao inferno, não importa, desde que êle esteja em sua companhia.

— Mas... mamãe diz que êle não me dará estabilidade econômica, que nossos filhos...

O sorriso se acentuou na boca de Nenê.

— Estabilidade econômica! Viver é lutar, minha querida. O casa-

ELEUSA

MARCOS KONDER REIS

Mãe da beleza e de ternura,
Ouve na tarde a nossa voz.
No prado morto, ó rosa pura,
Ora por nós!

Se ausente vamos do caminho
E o nosso sonho é vão demais,
Senhora mãe, o pão e o vinho
Dá-nos e a paz!

Na casa longe, guarda indene
Â nossa prece o aceno teu,
Embora tudo nos condene,
Dá-nos o céu!

É pobre sempre quem entrega
A vida inteira cada dia.
Ao teu menino, mãe, não nega
Tua alegria!

Samuel Putnam Interpreta a Literatura Brasileira

CHARLES ANDERSON GAULD

SAMUEL PUTNAM, o mais autorizado escritor norte-americano, no terreno da literatura brasileira, foi recentemente agraciado com um prêmio da Fundação Guggenheim, para preparar um novo livro, ampliando seu volume editado em 1948 e intitulado «Viagem Maravilhosa, a pesquisa de quatro séculos atravez da literatura brasileira», publicado por Knopf, de New York. O novo livro será uma antologia das mais importantes páginas literárias brasileiras, desde 1918.

Em virtude de não o permitir seu estado de saúde, Putnam não poderá repetir sua tão ansiosa visita ao Brasil, como o fez em 1946; por isso apela para os autores e críticos literários brasileiros, bem como para os estrangeiros residentes no Brasil, no sentido de lhe enviarem publicações e recortes sobre literatura.

Putnam reside agora, com sua esposa, que gosta de preparar para seu marido as deliciosas iguarias da cozinha brasileira, na aprazivel cidade de Lambertville, em New Jersey, próximo ao local onde Washington cruzou as águas do ria Delaware. Um de seus antepassados, o General Rufus Putnam, que defendeu Filadélfia contra os ingleses, por ocasião da revolução, nasceu naquele histórico local. Samuel Putnam nasceu e teve sua educação formada no Meio-Oeste, de onde a família Putnam emigrou no século XIX; Passou muitos anos nas terras do Mediterrâneo e ainda possue uma casa ao sul da França. Estabelecendo-se em Lambertville, Putnam retorna a seu local de origem criadora. Na outra margem do Delaware, no condado de Buck, na Pennsylvania, habitam centenas de conhecidos artistas e escritores, inclusive muitos famosos em Hollywood e New York.

Durante muitos anos Putnam e sua esposa residiram em Filadélfia porque o filho do casal, Hilary, tinha que frequentar as aulas da Universidade de Pensilvânia, onde um ex-Adido Cultural Norte-Americano no Brasil leciona. Hilary, presentemente, leciona filosofia na Universidade de Califórnia, em Los Angeles.

Em sua residência, Putnam possue milhares de livros de autores brasileiros e panfletos e publicações editados no Brasil e na lingua portuguesa. De seus planos futuros faz parte a construção de uma pequena biblioteca especial, onde continuará a trabalhar como bibliotecário profissional, tradutor e intérprete da literatura brasileira. Putnam tenciona presentear sua rica coleção de «Brasiliana» a uma Universidade norte-americana, interessada na lingua e na cultura do Brasil. Constantemente faz doações de livros brasileiros á Fundação Hispânica da Biblioteca do Congresso, em Washington, a qual acabou de apresentar uma exposição de obras de Euclides da Cunha, inclusive a elogiada tradução de Putnam de «Os Sertões», publicada em 1944 sob o título «Rebelion in the Backlands». A Fundação Hispânica edita o precioso «Manual de Estudos Latino-Americanos» para o qual Putnam de há muito contribue, na seção de literatura brasileira.

As paredes do estúdio de Putnam, além de estarem repletas de estantes com livros brasileiros, se cobrem de fotografias dos mais destacados vultos das letras brasileiras, intelectuais do Brasil, aquarelas com motivos da Amazônia, da autoria de Luiz Jardim, e outros trabalhos de arte e lembranças de sua última viagem ao Brasil e de vinte anos de correspondência com eminentes brasileiros. Em molduras especiais podem-se notar os diplomas que lhe conferem o grau da Ordem do Cruzeiro do Sul, de membro correspondente da Academia Brasileira de Letras e o «Prêmio Calógeras», dado pelo importante homem de negócios brasileiro Valentim Bouças, do Rio de Janeiro. Putnam é presidente da Sociedade Cultural Brasileira, organizada êste ano em New York pelo Professor Arnaldo Pessoa, que leciona literatura brasileira na Universidade de Colúmbia. Os brasileiros que visitam Samuel Putnam, em sua residencia em Lambertville, se admiram em descobrir ali um pedaço do Brasil entre as colinas de New Jersey.

Putnam, em sua visita a Portugal, em 1932, encon-

---

mento é uma incógnita, com ou sem amor. E quando se ama, basta a presença do ser amado, seus beijos, seu carinho, para comermos com prazer o mais duro dos pães. Você poderá ter a maior riqueza do mundo, se não tiver amor, será sempre uma mendiga. Veja o meu caso.. Todos foram cóntra o meu casamento. Carlos é meio estroina, é verdade. Mas, com minha ternura, tenho conseguido transformá-lo tanto! Depois, por mais cansada que me sinta, de tôdas as lutas, basta que êle passe sua mão em meu rosto, para esquecer tudo e me tornar a mais feliz das mulheres... Você vai ser a primeira a saber do meu segrêdo: estou esperando um "baby". Nem calcula o que sinto, Adelaide. Já imaginou o sagrado e o sublime da formação, em nossas entranhas, de um filho do homem a quem amamos? Nem sei se teremos dinheiro para a compra do enxoval... E nem isso nos preocupa. Na certa o teremos. Carlos está tão mudado! Chego a acreditar que é a mulher que faz o homem. E que o pior dos boêmios, o pior dos irresponsáveis mudará, sentindo ao pé de si a ternura vigilante da mulher que de fato o ame.

Os olhos de Adelaide se arregalaram, encantados.

— Então, você acha que... eu devo?

O sorriso de Nenê era inigmático, agora:

— Eu não, não acho nada nem dou palpite, meu bem. Já estou muito mal vista nesta casa. O que me vale é que Carlos me espera na estação, para tomarmos o trem de volta, daqui a meia hora...

A outra assombrou-se.

— Mas você não veio assistir ao meu casamento?

Nenê foi até à janela, olhando para a rua, despreocupadamente.

— Sim vim. Mas sabia que as coisas não poderiam ficar como estão, que você não teria coragem de mentir a si própria até o fim.

De uma pancadinha no ombro da irmã.

— Mude a roupa, depressa, antes que invadam o seu quarto... Temos vinte e cinco minutos exatos para chegarmos á estação.

— À estação?, estranhou Adelaide.

Nenê, no seu gesto inimitável, jogou de novo sôbre os olhos os cabelos escuros, escondendo um riso brejeiro.

— Sim, à estação, "sua" tola. Pedro já está lá, com a aliança e tudo. Eu lhe expliquei que em amor não se deve perder tempo, pois há o risco de não se poder recuperá-lo, nunca mais.

III SALÃO DE PINTURA

O Centro de Artes Plásticas da Paraíba, que congrega uma porção de valores plásticos de nossa terra, está promovendo o seu III SALÃO DE PINTURA, com que encerrará as suas atividades artísticas de 1949.

Nessa exposição, que tem despertado o mais vivo interesse em nossos meios artísticos, estão sendo apresentados trabalhos de Leon Clerot, sanguineas e óleos; Hermano José, oleo; José Lira, óleo; Leonardo Leal. óleo e Elcir Dias, caricaturas.

Há ainda um trabalho de escultura apresentado pelo jovem Leonardo Leal — Cabeça de Cristo.

Hermano José incluiu alguns trabalhos já divulgados pela imprensa como FUGA e VENCIDA. Destaca-se ainda de sua autoria: CHOPIN NO LEITO DE MORTE.

Elcir Dias revela-se nessa III exposição, um bom caricaturista, o que tem merecido a atenção dos visitantes.

Realizou-se, o referido certame, no salão principal da Bibliotéca Pública.

Um dos quadros de Hermano José expostos no III Salão de Pintura.

INATINGIVEL

JOSÉ VALERIANO

ÁS VÊZES, PROCURO
NO MUNDO VAZIO
ONDE' ANDO E VADIO
UM GESTO MAIS PURO.

UM GESTO QUE SEJA
UM SÊCO SINAL,
DE TOM NATURAL,
SEM MÁGOA OU INVEJA.

UM GESTO BEM LARGO
QUE POSSA ABRAÇAR
E NÃO RECUSAR
O TRISTE E O AMARGO.

UM GESTO QUE AVANCE
SEM NUNCA FERIR
E A TODOS ALCANCE.

PORQUE NÃO ME VEM
NA TARDE BEM MANSA
QUAL LEVE ESPERANÇA
DA SOMBRA DO ALÉM?!...

NOS BRAÇOS DO POBRE,
DO BOM, DO PUDICO,
DO GRANDE, DO RICO,
DO PÁRIA, DO NOBRE,

PROCURO ENCONTRÁ-
[LO,
SINCERO, IMATURO...
UM GESTO BEM PURO
QUE EU POSSA GUAR-
[DÁ-LO

E POSSA, SEM MEDO,
FAZÊ-LO AO AMIGO,
AO PRÓPRIO INIMIGO,
SEM CREDO OU SEGRÊ-
[DO...

QUE EU POSSA FAZÊ-LO
A TODOS NO MUNDO,
— ABRAÇO PROFUNDO
DE VIDA E DE ZELO.

---

trou o panorama da literatura portuguesa contemporânea malbaratada pela censura imposta pela ditadura de Salazar. Voltou então sua atenção para a exuberante literatura tropical do Brasil, o maior descobrimento de Portugal.

Em reconhecimento ao talento de Putnam e sua devoção ao Brasil, uma das mais antigas casas editoras de New York, pertencente a Alfred A. Knopf, solicitou-lhe que traduzisse vários trabalhos dos clássicos brasileiros, incluindo nessas traduções a obra de Gilberto Freyre, «Casa Branca e Senzala», que surgiu sob o título «The Masters and the Slaves».

Os inúmeros admiradores de Samuel Putnam, nos círculos intelectuais brasileiros leram, recentemente, na revista «Américas», o novo órgão mensal da União Pan-Americana, o perfil traçado por aquele escritor norte-americano sobre Gilberto Freyre, que atualmente se encontra representando o Brasil na Assembléia Geral das Nações Unidas Em New York, Putnam e Freyre plenejam discutir diversos pontos sobre e edição da nova antologia que o escritor americano se propôs redigir. Os críticos literários brasileiros durante muitos anos não se cansaram de elogiar as traduções feitas por Samuel Putnam, relativamente aos clássicos das linguas romanas. Seu último trabalho foi uma brilhante tradução para o inglês do famoso «Don Quixote», de Cervantes.

Tal como Gilberto Freyre e outros antropologistas e sociólogos americanos, Putnam reconhece as grandes contribuições culturais que as Américas devem ao negro e ao índio. Neste setor, Putnam segue o esplêndido exemplo de Roy Nash, que sucedeu ao dr. Crawford no posto de Adido Cultural dos Estados Unidos no Brasil.

Nash, quando jovem, viveu três anos e fez a melhor interpretação do Brasil, jamais feita por qualquer cidadão americano nêste século, intitulada «The Conquest of Brazil». (New York 1926).

Putnam descobriu alguns paralelos e contrastes interessantes, entre o negro e o índio-brasileiro e norte-americano e tenciona incluir passagens, em sua antologia, do James Fenimore Cooper e William Lloyd Garrison brasileiros, que foram José de Alencar e Joaquim Nabuco. (USIS).

NÃO ADMITO!

JOÃO DA VEIGA CABRAL

DOIS braços passantes me acocharam contra um peito largo e um trovão estalou nos meus ouvidos:

— Não admito!

Erguí a vista, aterrado, para identificar o meu agressor. Eu mexera com alguem, nestes meus comentarios semanais. E esse alguem naturalmente vinha, agora, desabafar a sua indignação nas minhas costelas. Mas, graças a Deus, não era isso não. Era o J. Florentino Junior, um amigão de todos os tempos, que protestava contra um engano meu, cometido em crônica recente. Com um suspiro de alívio, retribuí o abraço e procurei esclarecer a situação:

— Não admite o que?

Florentino fulminou-me:

— A sua injustiça, homem! Com aquela valsa a que você se referiu, ha dias! Aquela, da "mais gèntil das praieiras"... Ela nunca foi de Alfredo Gama, como você escreveu. O autor dela é o nosso, muito nosso compositor Francisco Galvão!

E puxando-me por um braço, para a porta do "Alvear":

— Isso não é coisa que se faça! Aquela valsinha maravilhosa é do Francisco Galvão. O pessoal que conhece a valsa e o autor está danado com você. Retifique o erro!...

J. Florentino Junior tinha toda razão. Aliás, já o des. Paulo Bezerril chamara a minha atenção para o caso, assegurando-me que o autor da deliciosa canção, como de muitas outras lindas músicas populares, fôra o Galvão. Sucede, ainda, que eu sempre fui um admirador das composições desse excelente melodista nordestino, aqui enraizado, ha mais de vinte anos. Ha uma porção de anos atrás as explendidas canções da lavra desse grande músico intuitivo fizeram época, em todo o Nordeste. E a valsinha do gentil praieira ainda é, hoje, cantada em todo País.

Eu dera, assim, uma rata safada e aqui fica a retificação, com pedido de desculpas aos admiradores da valsa em questão e, sobretudo, ao seu autor.

Florentino, o consultor financeiro do Estado, o homem dos calculos econômicos, o fabricante de orçamentos, tomou as dores do Galvão. E isso porque, apezar das contas e dos créditos, ele é, antes de tudo, um artista. O músico de banda do interior jamais deixará de ser um bom músico. Ela nunca esquecerá, estou certo, as valsinhas que acompanhava ao baixo, lá no seu distante sertão, nos tempos de uma adolescencia pujante e desordeira... Ele é músico, ótimo desenhista e escritor, nos poucos minutos da sua vida em que pode aliviar a cançada cabeça da pelica das complicações orçamentarias...

X X X

Esta nossa Paraíba é mesmo, um viveiro de artistas desencaminhados. Quantos músicos, quantos pintores, quantos poetas vegetam à sua mágua e o seu desencanto de uma vida morta pelos balcões das lojas de fazendas, pelos "bireaux" das repartições publicas, pela desesperança de uma profissão que tortura e anula a propria personalidade?

Vocação e profissão — que terrivel este problema, no Brasil! Penso que, em cem mil brasileiros, um, talvês, tenha seguido a profissão que lhe indicava o seu pendor natural. Esse um, é o homem feliz. O homem vitorioso. O que trabalha alegre, com a alma a cantar. Os restantes, são inevitavelmente, os fracassados, os desajustados, os tristonhos, os neuróticos, os que nada fazem a gosto nem seu nem de ninguem. São os que se sentem vencidos, mesmo quando, casualmente, ou por um violento esforço de adaptação, venceram na profissão que a vida lhes impôs.

O progesso que se observa nos países de alta civilização — em todos os ramos da atividade humana — deve ser, antes de tudo, atribuído à facilidade que têm os individuos de seguirem a carreira que as suas inclinações de espirito lhe indicam. Ninguem pode ser eficiente quando faz aquilo que o seu intimo repéle. Que ha exceções, ha. Um Galvão, um Florentino, que vitoriaram em profissões diferentes dos seus caminhos naturáis, são fatos positivos. Poderia citar muitos outros. Mas, na verdade, — para encerrar o assunto — haverá felicidade, uma perfeita felicidade, em vidas assim vitoriosas.

Pode haver conformação, que é ótimo sedativo para certas dores da alma...

POEMA

GLORIA STUART

Para mim meu amado é imortal
Sim é imortal
Mas se meu amado morresse
Ás vezes conversamos: qual
de nós dois chorará um a morte do outro?
Eu preferia que lavasses minha face fria
Com tuas lagrimas amôr.
Mas se partisses primeiro
Viverias em meu pensamento
Quando só, te veria chegar como em vida
E beijar-me; deitaria minha cabeça
No teu braço de sêda
Meu pensamento te retrataria
Nessas horas que o passado marcou
E de vez em quando
Eu plantaria no local onde dormisses
As flores mais belas
Que seriam poêmas de minh'alma para ti
O'meu grande amôr!

Correio das Artes

ANO I Número 42 — Suplemento Literário de A UNIAO — João Pessoa, Paraíba — Domingo 15 de Janeiro de 1950

A Outra Face do Tio Gonzaga

OSMAR DE AQUINO

OS intelectuais paraibanos, que se conservam na Província, precisam conhecer melhor o prodígio de inteligência — Luiz Ignacio de Miranda Jardim. Nome pomposo que os amigos reduzem a um — Lula — para êles sem o tom nivelador de intimidade. Um Lula que, antes, pronunciam com ênfase e orgulho, como quem grita para cima, para muito alto, a alguem que se distanciasse da terra.

Êle é, com efeito, um fugitivo da terra. «Nunca me aluguei á realidade», confessa mas «As Confissões do meu tio Gonzaga», remance que José Olimpio acaba de editar. E um dia me disse, como serve o que é real: «tudo o que faço é obra de pura imaginação; não gostasse a minha imaginação criando histórias para Alice, quando chego em casa a horas incertas -e já teria dez livros».

Alice, a mulher que o guarda, com amor e admiração, por entre as coisas terrenas, que para Jardim são fantasias, acha só encanto e graça na imaginação da sua criança. Porque Lula, exteriormente, sem sua imaginação, é um menino até no rosto de adolescente, que emerge dos cabelos semi grisalhos, caindo-lhe sôbre as orelhas. É um títere de imaginação, que o conduz, nas ruas e na vida, dando-lhe tudo: os olhos, a boca, os cabelos, o andar, a bondade, o traje, o riso, a loucura, o tipo de quem passa por entre os contemporaneos, crianças ou adultos, sob a observação que a sua grandeza pôs nos lábios inocentes e incompreensivos de um personagem de seu romance, que é a sua própria geração; «Êsse bicho que vai pela vida, como sempre, levado pela imaginação que é o último refúgio contra a morte, quando a gente gosta de» ar cinzento e meio indefinido que as chuvas dão á atmosfera, aquela névoa misteriosa que encobre as cores e deforma as coisas». Então, só há «espalhar nessa forma meio abstrata e despovoada, as fantasias de minha imaginação». Um homem, descendo a ladeira, aos pinotes, (não vêm?) lembra apenas, um fardo escuso rolando, rolando...

Que é um homem sem ter a animá-lo a vida de imaginação? Um fardo escuso, que rola, de escada abaixo, por entre os degraus que compoem a chamada VIDA PRATICA os negócios, os complexos, a moral social, o amor matrimonial, o dinheiro, a casa, a religião, a saúde, a segurança, e, ao cabo, o fim como se o fim fosse o destino do homem.

Luiz Jardim é, exatamente, o contrário disto. E daí, o difícil de sua biografia. Ele não nasceu naquele dia «em que os olhos se abrem para o mundo». Confessa que só começou a ver aos 28 anos de idade, só, então seus olhos mergulharam no ar das tardes cinzentas de chuva e viram que o homem rolava, rolava, como um fardo escuso. E que a vida estava dentro dele, estava na sua imaginação. Sua biografia como Eça dizia de Ramalho Ortigão, tem de ser a do seu espírito. Terá de ser quase obra de um psiquiatra.

«Êsse bicho que vai aí na frente é meio doido». É a observação do homem comum que vê Luiz Jardim andando na vida pela imaginação. Mas, não está a psiquiatria em função do homem comum? Loucura, esquizofrenia? Já há termos até sociológicos para designar os bichos meio doido» dionisiacos; ou termos mais literários: introspectivos, interiorizados.

Seja como for, a biografia de Luiz Jardim terá de ser a sua imaginação. Fisicamente, nem há o seu rosto emergindo, entre cabelos grisalhos que caem sôbre os olhos. Nem os olhos, nem a boca, nem o queixo, nem as três dimensões do corpo. Nem o fígado, nem os rins, nem as arterias. O whisky que êle toma não afeta, nem os rins, nem o figado, nem as artérias. É o espírito que filtra o whisky. Jardim é todo espírito, e só espírito.

Dos seus «dias físicos» direi apenas, repetindo-o: «a muitas mulheres, atraindo: a muitos homem, afastando bom sinal magnético de um físico». De resto, como Ramalho Ortigão, não é bacharel, e tem saúde. Mas a biografia do seu espírito? Esta é dificil, é muito dificil. Leiam seu romance que é um livro conceitual e deduzam a outra face do mundo, a outra face do tio Gonzaga.

Rio, 1950

MASSON — DESENHO